

# “ENTRA NA RODA MENINO NÃO SE ACANHE”: COCO DAS GOIABEIRAS DA RAINHA DO MAR.<sup>1</sup>

Joel Oliveira de Araújo  
UFC/Ceará

**Resumo:** O presente trabalho, tem como proposta estudar os cocos a partir do grupo “Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar”, localizado no bairro da Barra do Ceará em Fortaleza (CE). Os cocos é uma manifestação cultural do nordeste brasileiro, podendo ser encontrada em todos os estados do nordeste. No Ceará, os cocos estão presentes no Cariri cearense e em grande parte do litoral do estado. A brincadeira surge de uma tradição afro-indígena e tem como pilar o canto, o batuque e a dança. O grupo “Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar” nos últimos anos vem fomentando a cena cultural dos cocos na cidade Fortaleza (CE), mesclando tradição, espiritualidade e militância política. A partir de uma pesquisa etnográfica, o trabalho vem refletir como determinado grupo executa, experimenta e ressignifica a tradição da brincadeira dos cocos, discutindo assim os elementos que atravessam a manifestação.

**Palavras-chave:** Os cocos. Manifestação Cultural. Tradição.

*“Caranguejo, caranguejo do mangue, entra na roda menino não se levante”  
(Hesse Santana).*

Os cocos, como prefiro chamar, é uma manifestação do nordeste brasileiro que está presente desde o sertão às regiões praias. É “uma brincadeira em que se misturam a dança, a música e a poesia oral, numa complexa troca de saberes e de gentilezas” (AMORIM 2008:11). Surge de uma tradição afro-indígena, porém a origem dos cocos é incerta. Ela apresenta uma configuração em que um(a) mestre(a) costuma puxar (cantar) as canções e sua dança é executada em fileiras, pares e em círculos, podendo ter variações de região para região.

Utilizo o termo cocos, no plural, por compreender que “os Cocos são múltiplos, são dinâmicos, movimentam-se junto com seus praticantes, parecem constituir-se dançando entre tempos/espacos/viveres.” (FARIAS 2016:46). Compreendendo que a cultura é viva e está em completa transformação, os cocos são

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

vivenciados e reinventados por sujeitos que são afetados por inúmeras questões, tornando a brincadeira múltipla.

No Ceará, é possível encontrar a brincadeira em quase todo o litoral e nos sertões, como cariri cearense. Porém, mesmo com uma forte tradição dos cocos no estado, temos pouquíssimos trabalhos dedicados aos estudos da brincadeira, além disso, ainda hoje não há um debate concreto sobre a patrimonialização da brincadeira no estado, por isso se faz necessário intensificar as produções científicas a respeito da brincadeira no estado, contribuindo dessa forma no fomentando e nas discussões que atravessam a manifestação.

Como ainda são poucos estudiosos preocupados em estudar os cocos no Ceará, ainda existe uma grande lacuna na dedicação do estudo dessa manifestação. Com isso, o presente trabalho pretende de alguma forma contribuir no debate acerca dos cocos no estado do Ceará, com foco na brincadeira na cidade de Fortaleza, por meio de um estudo junto ao grupo *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar*.

Os cocos é mais uma das manifestações culturais populares que estão entranhadas no dia a dia da cidade, nos eventos culturais, nos bares, nas praças públicas, nas rodas de amigos, nas atividades de militâncias políticas, porém, diferente de outras localidades, a brincadeira não é mantida por grupos de tradição familiar dos cocos, que são passadas de geração para geração. Isso quer dizer que a brincadeira dos cocos em Fortaleza, vem sendo exercida por brincantes de culturas populares, em sua maioria jovens, que são artistas da cena cultural da cidade.

Em um tempo passado, a brincadeira era feita e mantida por pescadores de duas comunidades da cidade, temos registros e relatos dos cocos brincados por pescadores do Mucuripe e da Barra do Ceará. Hoje, até onde tenho conhecimento, os pescadores já não mantêm a brincadeira. Não há muitos materiais que remetem os cocos nessas duas localidades, porém, em Mucuripe encontramos citações que remetem algumas lideranças que eram brincantes, podemos citar os nomes de Mestre Bráulio, Zé Taé e João da Chaga, que além de brincarem os cocos também mantinham outras manifestações culturais, como os pastoris e os fandangos. Quando visitei o Acervo Mucuripe, um espaço de manutenção e preservação da história de Mucuripe, tive acesso a duas fotografias, os únicos registros sobre a brincadeira na comunidade que consegui encontrar. Já na Barra do Ceará, existem alguns relatos de pescadores que trabalham no mercado dos peixes, que mantém a memória de infância e adolescência da brincadeira.

O grupo *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar* surgiu em meados do ano de 2017, a partir do encontro de brincantes de cultura popular e artistas que passaram a desenvolver a brincadeira junto às crianças na comunidade das Goiabeiras, na Barra do Ceará. O grupo também compõe o “Yabás Coletivo” e a “Casa das Negas”, espaço e sede do Coletivo Yabás, que desenvolve duas manifestações culturais, o *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar* e o *Boi Canarinho*. Na Casa das Negas é desenvolvido um trabalho sociocultural, focado no apoio e na valorização da cultura negra, das mulheres negras e da comunidade LGBTQIA+, dos direitos humanos e do território no bairro Barra do Ceará.

Identificando-se como coco de praia, coco de axé e coco de preto na periferia, o grupo vem participando de importantes eventos e editais culturais da cidade. Seus integrantes aplicam formações e oficinas, onde levantam discussões sobre a cultura afro-indígena.

Se faz necessário perceber a (re)invenção da tradição dos cocos por parte do grupo, seja através da influência dos cocos do Ceará, dos outros estados, dos terreiros de Candomblé, de Umbanda e Jurema. O *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar*, vem recriando uma maneira própria de fazer a brincadeira. É necessário salientar que tradição não é sinônimo de estático, pelo contrário, “é preciso pensar em tradição e transformação como complementares entre si e não excludentes” (CATENACCI, 2001:35). Permitindo a compreensão de que tradição está inserida em um contexto de mudanças, adaptações e recriações. “A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro” (LUVIZOTTO, 2010:65).

Os brincantes do *Coco das Goiabeiras da Rainha do mar* estão através da mescla de elementos, estes presentes na tradição como na modernidade, dialogando entre um contexto vivenciado em seus territórios, como também sofrendo influências de brincadeiras de outros locais. Além de beberem da espiritualidade da Umbanda e Jurema, passam a desenvolver sua própria forma de brincar os cocos. Percebemos elementos sociais, políticos e religiosos na poesia oral, nas performances e no figurino. Canclini (2015), afirma que “com frequência, sobretudo nas novas gerações, os cruzamentos culturais que vínhamos descrevendo incluem uma reestruturação radical dos vínculos entre o tradicional e o moderno, o popular e o culto, o local e o estrangeiro” (CANCLINI 2015:241).

Autores como ANDRADE (2002), AZEVÊDO (2000) e AMORIM (2008) falam em uma “literatura do coco”. Sabemos que algumas características são pilares da brincadeira, citamos como exemplo a música, a dança e a poesia. Porém, podemos encontrar cocos sem o elemento da dança, também com variedades de ritmos e instrumentos, mas sem a poesia não existiriam os cocos. Podemos encontrar uma diversidade de assuntos nos cocos, os principais assuntos são as coisas que atravessam os próprios coquistas, “as rimas são abundantes; os temas são muito diversos e versam desde a realidade do cantador, seu dia a dia, o trabalho, os amores, até fatos históricos marcantes ou pitorescos” (AZEVEDO 2000:123). O que percebemos é que diferente de outras manifestações, os cocos não apresentam apenas a necessidade de rima em sua poesia, nela também se encontram ironias, sutilezas, críticas etc. Nas poesias feitas pelo *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar* não é diferente.

É importante salientar que aqui trago apenas as músicas, ou os cocos, como costumam chamar, que são de autoria própria do grupo, mas isso não significa que os mesmos não cantem cocos oriundos de outras localidades ou mestres. O grupo em suas letras vem denunciando o racismo, a LGBTfobia, o racismo religioso e o sexismo. Vejamos um trecho de um coco onde reafirmam tanto a identidade negra, como a identidade religiosa que o grupo carrega:

**Coro** - Não venha tirar o terreiro do meu sangue  
Pois eu sou desse jeito  
Meu sangue é de preto  
E não pode mudar.

Em outro trecho, os versos narram a resistência dos povos de terreiro, no qual ao longo dos anos sofre a violência da imposição hegemônica da religiosidade cristã, branca e eurocêntrica, vejamos:

**Solo** - Não quero me adaptar aos teus costumes, tua fé  
Eu não quero ser do jeito que você quer  
Meu terreiro é santo e não me venha duvidar  
Deus falta em ninguém e a meu coração ele sabe falar.  
[*Sangue de Preto* - Liana Cavalcante]

Além de perceber a resistência a um padrão social e religioso, o trecho finaliza com a reafirmação de sua religiosidade calcada no terreiro. Isso escancara a possibilidade de uma religiosidade múltipla, em que as pessoas podem exercer sua fé em ambientes distintos, estando de toda forma em um espaço de santidade,

desmistificando assim, a ideia preconceituosa de que a possibilidade de devoção só se dá no viés cristão.

A espiritualidade dos terreiros de Umbanda/Jurema é algo bastante presentes nas letras, o grupo inclusive canta pontos em ritmos de coco, assim o debate sobre o racismo religioso é bastante presente em suas performances. O grupo geralmente inicia a brincadeira, seja em ensaios ou em shows, com uma música saudando, pedindo permissão e dedicando aquela brincadeira para alguns orixás como Oxalá e Iemanjá.

**Solo:** Toca tambor, toca tambor  
**Coro:** Toca tambor  
**Solo:** Toca tambor da cor do mar  
Toca tambor, toca tambor  
**Coro:** Toca tambor  
**Solo:** Toca tambor pra Iemanjá.

**Solo:** Eu vim pedir permissão  
**Coro:** Permissão  
**Solo** Permissão a Oxalá  
Para tocar o tambor  
**Coro:** Para tocar o tambor  
**Solo:** Para dançar e cantar.  
[*Toca tambor* - Hesse Santana]

Hesse Santana, compositor da música, afirma que os versos vieram como resposta ao racismo religioso sofrido pelo grupo há alguns anos, a música reafirma a identidade do grupo, além de deixar claro que ninguém pode silenciar o batuque, a não ser os próprios orixás referenciados. Hesse Santana, integrante e mobilizador do grupo, em entrevista conta que:

Quando eu compus essa música do “Toca tambor”, era na época que a gente tava sofrendo muita, mas era muita intolerância religiosa, era muita mesmo. E essa música “Toca Tambor” [...] veio justamente de resposta às pessoas que tavam fazendo as coisas, tipo silenciou, não teve mais desdobramento depois dessa música. (Hesse Santana, Fortaleza - CE, 19 de mar. 2022).

Podemos encontrar nos cocos uma pluralidade de instrumentos, sua composição pode variar de lugar para lugar, de grupo para grupo. Porém, algo em comum entre boa parte dos grupos de cocos é a utilização de instrumentos percussivos, quase em sua totalidade não se utilizam instrumentos melódicos.

Os instrumentos utilizados pelo grupo são os seguintes: *Pandeiro*, que é um instrumento de percussão membranofone<sup>2</sup>, no qual pode ser feito de pele animal ou sintética, ela é esticada em um aro que contém platinelas, que são pequenas placas de latão ou bronze. Outro instrumento utilizado pelo grupo é o *Caxixi*, desconheço outro grupo que o utilize. O caxixi é um instrumento percussivo idiofone<sup>3</sup>, podemos classificá-lo como um chocalho. De origem africana, pode ser constituído de palha, cabaça e sementes. No qual é feito um pequeno cesto trançado e fechado com uma rodela de cabaça, dentro se encontram grãos de sementes. O grupo também utiliza a *Timba*, que é composta de uma pele sintética esticada em um corpo cilíndrico, podendo ser de madeira ou de metal.

Um elemento muito importante para a sonoridade dos cocos são as *Palmas*, aqui classifico como um instrumento corporal, em que a batida de mão mobiliza uma maior interação entre brincantes e público. Conhecida como palma de terreiro ou palma praieira, ela tem a marcação “1,2” ou “1,2,3”. Considero também a *Pisada*, feita pela sola do pé ao chão, um componente dos instrumentos dos cocos. Pelo fato dela gerar uma sonoridade que segue uma marcação, contribuindo no ritmo e compondo o corpo sonoro da musicalidade dos cocos.

Os instrumentos mencionados têm seus tocadores fixos, podendo ter revezamento nos ensaios abertos, mas em momentos de apresentações cada tocador se mantém em seu instrumento fixo. Na estrutura da orquestra no grupo, o timba é o instrumento que mantém o cadenciamento da música, sendo ele o corpo da musicalidade, dita o ritmo, o bpm, as pausas, a intensidade e o momento de encerrar a música.

O grupo tem seus dançadores fixos, a quantidade varia através da disponibilidade dos brincantes. A dança começa da seguinte forma: os dançadores ficam em círculo, um por um entra na roda e dança livremente, posteriormente é feito o convite, a pessoa que está no meio da roda convida outra pessoa para entrar e dançar juntas no centro, depois a primeira se retira e volta para formar o círculo e a que ficou faz o convite para outra pessoa e assim consecutivamente.

O grupo faz um passo interessante chamado de caranguejo, a pessoa fica com as mãos e pés no chão, com o corpo para cima e dança imitando um caranguejo. A

---

<sup>2</sup> Instrumento que produz som por meio de membranas através da percussão.

<sup>3</sup> Instrumento que produz som pelo próprio corpo do objeto.

pessoa que está dançando, desafia outro dançador da roda a fazer também e assim por diante. O movimento é feito quando se canta um coco autoral do grupo, o passo e a música foram compostos em uma vivência no Quilombo do Cumbe<sup>4</sup>. Lembrei do passo do sapinho da lagoa, feito pelos dançantes do coco do Trairi. Porém, o passo mais utilizado pelo *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar*, tem uma pisada que lembra a de amassar o barro, batendo os pés no chão. Essa pisada mais firme ajuda quando estão dançando na areia da praia.

Com isso, não podemos compreender a dança apenas como elemento gestual do corpo. Nas performances afro-brasileiras, o corpo se apresenta como o centro de tudo, pois “ele se move em direções múltiplas, ondula o torso e se deixa impregnar pelo ritmo percussivo” (LIGIÉRO 2011:131). E assim como na ginga, problematizada por Nascimento (2019), aqui se compreende que o corpo na dança dos cocos também pode ser tratado com “um corpo reflexivo, pensante, conjecturador de sua relação com os mundos material e imaterial que residem em sua existência” (NASCIMENTO 2019:182).

A vestimenta utilizada pelo grupo *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar* é branca para todos os integrantes. Para os brincantes é importante que o figurino seja a cor branca, pois para os membros é uma forma de afirmação da espiritualidade dos integrantes, esses que são pessoas de terreiro. Liana Cavalcante, ressalta que “no coco, na apresentação é todo mundo de branco, inclusive as crianças também”. O figurino aqui, é uma ferramenta de demarcação da identidade.

Já para demarcar esse lugar, contra a intolerância religiosa, faz questão de se apresentar de branco. Quando a gente pode também com adereços da religião. E é isso, tem essa marca muito fortes, do axé, das pessoas do terreiro, contra essa questão da intolerância do racismo religioso. (Liana Cavalcante, Fortaleza - CE, 19 de mar. 2022)

Além de demarcar identidade e espiritualidade do grupo, a utilização do figurino vem pautar uma problemática social, que é o racismo religioso sofrido pelos povos de terreiro. A utilização dos adereços religiosos, como as guias, o fio de conta, o ojá, potencializa a mensagem que o grupo quer transmitir para o público. Além de contrapor a estética folclorizada de roupas com cores muito vibrantes, chamativas, que por muitas vezes se apresenta em grupos de culturas populares. Dessa forma, “a importância da indumentária no processo de constituição das identidades culturais

---

<sup>4</sup> Comunidade quilombola localizada no litoral leste do Ceará no município de Aracati.

reside no fato de estimular a performance na qual, pode-se dizer, mais do que vestir ou portar certas roupas e objetos, se é investido de significação comportamental” (ROCHA 2014:10).

O que já podemos identificar a partir dessa breve discussão, é que o grupo, bebe de diversas fontes, de outras manifestações culturais, mas principalmente dos elementos presentes na espiritualidade dos terreiros de Umbanda e Jurema, a partir da musicalidade, nas letras, vestimenta, nos pontos presentes no repertório musical do grupo. O *Coco das Goiabeiras da Rainha do Mar*, detém de um repertório, aqui no sentido de TAYLOR (2013), que possibilita a manutenção e reinvenção de uma manifestação cultural. Pois esse repertório está no corpo dos brincantes que “encena a memória incorporada-performances, gestos, oralidade, movimento, dança, canto -, em suma, todos aqueles atos geralmente visto como conhecimento efêmero, não reproduzível” (TAYLOR 2013:49). Dessa forma, possibilitando um agenciamento, uma comunicação, a manutenção de uma memória, de uma identidade, trazendo assim um caráter de resistência.

Vem-se propondo uma maneira própria de manter a brincadeira, preservando características, mesclando outras, assim como produzindo sua própria. Com isso, se potencializa a brincadeira para aprofundar debates que atravessam os corpos dos brincantes, como o racismo religioso, questões de classe, raça e gênero.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Os Cocos**. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 2002.

AMORIM, Ninho. **Os Cocos no Ceará**: dança, música e poesia oral em Balbino e Iguape. 2008. 112f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2008.

AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos (Orgs.). **Cocos**: alegria e devoção. Natal: EDUFRN, 2000.

AZEVÊDO, Jimmy Vasconcelos de. A poesia dos cocos. AYALA, Maria Ignez Novais; AYALA, Marcos (Orgs.). **Cocos**: alegria e devoção. In: Natal: EDUFRN, 2000. p. 121 - 138.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas**: Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CATENACCI, Vivian. **Cultura Popular: entre a tradição e a transformação.** *São Paulo em perspectiva*, São Paulo, v.15, n.2, p. 28-35, 2001.

FARIAS, Camila Mota. **“O Coco tá no sangue”**: a (re)invenção de uma tradição em fluxos dançantes por mulheres no Cariri-CE (1979 – 2012). 2016. 193 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2016.

LIGIÉRO, Zeca. **Corpo a corpo**: estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus. **As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia.** São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 64-79.

NASCIMENTO, Ricardo Cesar Carvalho. **A ginga**: do corpo ao cosmos. *Revista Vazantes*, v. 3, n. 1, 2019. p. 177-191.

ROCHA, Gilmar. **A roupa animada – persona e performance na jornada dos santos reis.** *Cronos: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal*, v. 15, n.2, p.8 - 34 jul./dez. 2014.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório**: performance e memória cultural nas Américas. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

#### *FONTES ORAIS*

CAVALCANTE, Liana. *Liana Cavalcante*: entrevista [mar. 2002]. Entrevistador: Joel Oliveira de Araújo. Fortaleza, CE. 2022. Arquivo de mp3. (Brincante)

SANTANA, Hesse. *Hesse Santana*: entrevista [mar. 2002]. Entrevistador: Joel Oliveira de Araújo. Fortaleza, CE. 2022. Arquivo de mp3. (Brincante)